

Ano da Fé:

## Embora não sejamos do mundo, somos enviados para o mundo

■ Michelle Moran

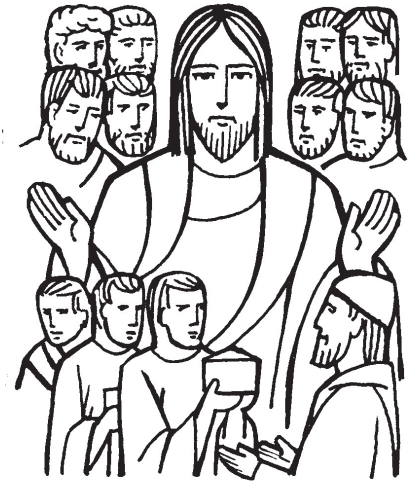


Neste Ano de Fé, estão sendo incentivados a “redescobrir o gosto de nos alimentarmos da Palavra de Deus” (*Porta Fidei* 3). Tenho refletido ultimamente sobre o Evangelho de São João e suas cartas. Durante os dias que antecederam o Natal, eu estava muito ocupada e com muitas coisas para fazer. E tomei a decisão consciente de não deixar o lado comercial das coisas distrair-me. Tentei permanecer em um estado de antecipação silenciosa do Advento, quando olhamos através da escuridão procurando pela luz. Isto não é fácil em meio a decorações brilhantes em lojas e ao alto som das músicas natalinas, que já começam a ser tocadas durante a primeira semana do Advento! Voltamos para nossa casa poucos dias depois do Natal e nos encontramos com nossa vizinha, que estava ocupada retirando as decorações de Natal. Ela disse que ela estava feliz por “voltar ao normal”, mas para nós era apenas o quarto dia de Natal. Para muitos de nós, é fácil sentir-se fora de sintonia com nosso

mundo. Somos um povo que tem um destino e sabemos onde se encontra a nossa verdadeira pátria (Fil 3,20). Mas enquanto possuímos nossa vida terrena, temos uma vocação e missão. Não devemos ser apenas espectadores ou passageiros passando tempo enquanto aguardamos nossa recompensa celestial. Somos chamados a corrigir o nosso olhar sobre as coisas celestiais, adotar a perspectiva Celestial e viver a “vida em plenitude” (Jo 10,10). Devemos irradiar isto para todos aqueles que encontrarmos.

**Chamado para estar no mundo mas não sermos do mundo**

Quando lemos o Evangelho de João, Jesus nos lembra que nós “não somos do mundo” (Jo 15,19) mas “estamos no mundo” (Jo 17,11). Como entender



isso? Deus está nos chamando para viver uma existência em “outro mundo”, mantendo-nos afastados do mundo para não sermos contaminados ou corrompidos? Temos que cuidar para não entrar em um dualismo, onde vemos a luz e as trevas em luta permanente e portanto rejeitamos tudo do mundo como sendo mau (CCC 285). Em sua oração sacerdotal, Jesus não pede ao Pai que nos retire do mundo, mas que nos proteja do mal (Jo 17,15). Portanto, há certamente uma batalha em que estamos envolvidos, mas, no final, através do Sangue de Jesus, temos a vitória.

No Creio, professamos nossa crença em um “Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra”. Além disso, o Catecismo nos lembra que “a Escritura e a Tradição não cessam de ensinar e de celebrar esta verdade fundamental: “O mundo foi criado para a glória de Deus” (CCC 293). Está claro que nossa missão é estar “no mundo” irradiando a glória de Deus. Conforme nos lembra São Boaventura, não aumentamos a glória de Deus, mas a mostramos e a comunicamos. No entanto, sabemos também que por causa da queda, “o demônio anda ao redor de vós como o leão que rugem buscando a que devorar”; portanto, “sede sóbrios e vigilantes” (1 Ped 5,8). Temos que nos proteger de estarmos imersos em demasiado das “coisas do mundo”. Estas coisas do mundo vão desde nos ocuparmos demais e nos distrairmos com assuntos temporais até os perigos que São João nos adverte, que incluem, “a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a

### NESTA EDIÇÃO

Ano da Fé:

**Embora não sejamos do mundo, somos enviados para o mundo**

Michelle Moran

Liderança:

**Conflitos em uma equipe de liderança**

María Eugenia F. de Góngora

Perguntas à Comissão Doutrinal do ICCRS:

**Orações de descontaminação são necessárias?**



**Não devemos ser apenas espectadores ou passageiros passando tempo enquanto aguardamos nossa recompensa celestial. Somos chamados a corrigir o nosso olhar sobre as coisas celestiais, adotar a perspectiva Celestial e viver a ‘vida em plenitude’ (Jo 10,10).**



**Chamado para estar no mundo mas não sermos do mundo**

Quando lemos o Evangelho de João, Jesus nos lembra que nós “não somos do mundo” (Jo 15,19) mas “estamos no mundo” (Jo 17,11). Como entender

soberba da vida” (1 Jo 2,16).

### Os Últimos Dias – um tempo de Atividade Missionária

Há um sentido em que nós, como cristãos, nos encontramos na mesma situação complexa em que Cristo estava enquanto na terra. Jesus era totalmente humano, ele era o Emmanuel “Deus conosco”, e foi fiel à sua missão. Ele veio ao mundo como Redentor e Salvador para tirar o pecado do mundo (Jo 1,29). Através do Mistério Pascal, Cristo anunciou a nova criação e tornou possível que todos aqueles que têm fé pudessem receber vida nova. No entanto, este mundo presente ainda não atingiu plenamente o seu fim. A graça da redenção está operando em um universo de sofrimento (Rm 8,18–25). A vitória de Cristo só será completa quando Ele vier em glória. Hoje vivemos nos ‘últimos dias’ - momento especial quando Cristo veio entre nós e onde nós esperamos, em alegre esperança, pelo retorno do Senhor na Glória. A Igreja nos recorda que este é um tempo de atividade missionária, quando “a Igreja há de ser reunida dos quatro ventos como uma colheita, no reino de Deus. Mas antes de o Senhor vir, tem de ser pregado o Evangelho a todos os povos” (Vaticano II, *Decreto sobre a atividade missionária* 9). No final de seu ministério aqui na terra, Jesus nos deu a grande missão; portanto, somos chamados hoje a “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15).


Um dos temas destacados pelo Santo Padre durante este Ano de Fé é a chamada “Nova Evangelização”. Em certo sentido, isso não é um conceito novo para nós da Renovação Carismática, porque quando nós somos batizados no Espírito, recebemos a graça da evangelização. Portanto, muitos de nós tem colocado em prática o chamado primeiramente feito pelo Beato João Paulo II para nos engajarmos na Nova Evangelização, que é “nova em seu zelo, nova em seus métodos e nova em sua expressão” (Haiti, 1983). No entanto, isso não deve levar-nos a sermos complacentes. Temos sido proféticos em responder logo ao chamado e temos sido usados pelo Senhor para preparar o caminho para as novas coisas do Espírito. O desafio para nós agora é seguir em frente com confiança, constantemente discernindo como o Senhor quer nos usar para testemunhar e proclamar o Evangelho no mundo de hoje.

Isto encontra eco na Lineamenta para o Sínodo de 2012 sobre a Nova evangelização. “Não se trata de fazer de novo qualquer coisa que foi mal feita ou que não funcionou, como se a nova ação fosse um implícito juízo sobre o fracasso. A nova evangelização não é uma duplicação da primeira, não é uma simples repe-

tição, mas é a coragem de ousar novos caminhos para atender às mudanças de condições dentro do qual a Igreja é chamada a viver hoje o anúncio” (5).

Enquanto continuamos a viagem pelo Ano da Fé, o Papa Bento XVI nos encoraja a “viver um autêntico testemunho de vida onde podemos irradiar a Palavra da verdade que o Senhor Jesus nos deixou” (*Porta fidei* 6). Refletindo sobre a primeira carta de São João, somos lembrados de que somos chamados a andar na luz e viver como filhos de Deus. Ele nos apresenta quatro condições que podemos usar em nossa reflexão pessoal.

- Romper com o pecado. Um dos nomes do diabo é pai da mentira. Uma das maneiras que ele usa para manter escravos é cegar-nos para o nosso pecado. Sem dúvida, para aqueles de nós que procuram andar no Espírito, quanto mais caminhamos em direção ao Senhor, mais nos afastaremos do pecado. No entanto, o chamado é tentar “sermos tão puros como Cristo” (1 Jo 3,3). Por isso, tentemos permitir em nossas vidas momentos regularemos para examinar as nossas consciências, nos arrependermos e receber o Sacramento da Reconciliação.
- Obedecer aos mandamentos, especialmente a lei do amor. “Podemos estar certos de que estamos em Deus somente quando a pessoa que afirma estar vivendo Nele também vive como Ele viveu” (1 Jo 2,5). São João continua dizendo que isso envolve amar todos aqueles ao nosso redor. “Meus filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas por atos e em verdade” (1 Jo 3,18);
- Ser desapegados do mundo. Somos lembrados que o mundo, como o conhecemos, está passando e, portanto, precisamos discernir cuidadosamente as coisas do mundo e ao mesmo tempo irradiar a luz de Cristo;
- Estar alertas contra os inimigos de Cristo. Embora estejamos envolvidos em uma batalha, São João nos lembra que fomos ungidos pelo Santo» (1 Jo 2,20) e “somos de Deus e o que está em nós é maior do que aquele que está no mundo” (1 Jo 4,4).

Certamente, estamos vivendo em momentos que nos desafiam, onde nossa fé tem sido corroída e onde, por vezes, sentimo-nos sob ataque. Neste contexto, aproximemo-nos ainda mais profundamente da graça deste ano especial e “professar a fé em plenitude, com renovada convicção e com confiança e esperança” (*Porta fidei* 9). 

# Conflitos em uma equipe de liderança

■ **María Eugenia F. de Góngora**



A grandeza do ser humano é saber como superar conflitos. Como se diz, “é falando que as pessoas se entendem umas com as outras”. Como podemos traduzir isto em linguagem cristã, na linguagem de Jesus Cristo? Talvez: “Amando, os cristãos se entendem uns com os outros”. Temos que buscar amorosamente essa linguagem para nos compreendermos e, assim, superar conflitos.

Errar é humano e nós somos humanos! Ainda vivemos em um contexto humano, então sempre haverá conflitos. O bem pode resultar disto! O conflito é uma excelente oportunidade para praticar as virtudes, os dons e especialmente o amor. É uma oportunidade — apesar da aparente contradição — de mostrar coragem e de, honestamente, enfrentar os desafios de trabalhar em equipes de serviço. O *Livro dos Atos* descreve como os servos nas primeiras comunidades cristãs superaram os conflitos. Eles provavelmente levantariam suas vozes, ficariam zangados, ofenderiam. No final, porém, todos reconheceram que buscavam um objetivo comum: servir ao Senhor e difundir Seu Reino. Eles decidiram seguir em frente e superar os obstáculos.

Para seguir em frente, eles sem dúvida tiveram clareza suficiente para saber que eles estavam unidos, não como membros de um clube, ou de um trabalho em um emprego. Em qualquer caso, eles poderiam facilmente ter renunciado e saído, sem nenhuma outra consequência para a causa. Mas, pelo contrário, a clareza do seu “chamado” prevaleceu. Este era um chamado cheio de amor e compaixão, do Criador para sua criatura, um chamado do coração de Deus para o coração humano. O chamado não foi ganho por mérito. O chamado veio apenas pela graça. Foi também o olhar especial de Deus sobre cada um que foi chamado. Este chamado preencheu e transformou suas vidas. Os discípulos estavam bem cientes de que Ele os chamou para fazer o que ele faz: manifestar a Sua glória, o Seu poder, a Sua compaixão... em outras palavras, para expressar o Seu amor.

A História nos transmite grandes lições. Apesar das suas diferenças, os discípulos se reconciliavam por amor a Deus. Embora nem sempre fosse fácil, eles cediam. Eles morreram para si mesmos, para que a unidade e o amor reinasse entre irmãos.

Os seus gestos de auto-negação deram grandes frutos! Nos *Atos dos Apóstolos*, os discípulos enfrentaram conflitos de forma adequada. Eles fizeram do aparente fracasso um triunfo por amor a Jesus Cristo. Como resultado, toda a Comunidade era edificada. Encontramos nestas disputas as origens dos grandes conselhos que definiram — e ainda hoje definem — a missão da Igreja.

Aqui estão algumas orientações simples para a resolução de conflitos e para alcançar um consenso:

1. Lidar prontamente com conflito: objetiva e claramente e sem medo discernir o problema (Jo 2,3, Atos 6,2.3).
2. Oração. Reze para a solução de Deus com fé expectante. Fique calmo, não tenha pressa, e tenha persistência em ouvir atentamente os sussurros do Espírito Santo. “Foi decidido pelo Espírito Santo e por nós mesmos...” (Atos 15,28).
3. Diálogo: Envolve-se em um diálogo fraterno, com todas as suas boas características: respeito, escuta mútua, autêntica apreciação de cada outro e maturidade. Sei que todas as partes ganham quando prevalece a vontade do Senhor. Busque a unidade. (Filip 2,1-5). Somente desta forma podemos chegar a um melhor acordo.

4. Amor: acima de tudo, amor. O Espírito de Deus se move e incentiva. Sem ele, não podemos fazer nada, e sem amor, não temos nada. Nada será agradável ao Senhor sem amor. Somente na autenticidade do amor pode ceder sem procurar represálias mais tarde (1 Cor 13; Prov 10,12).

Comunidades felizes são aquelas que resolvem conflitos e seguem em frente, conforme lemos em *Atos 2,47*: “E o Senhor cada dia lhes juntava outros que estavam a caminho da salvação”. Por que? Qual foi sua motivação? Certamente, a Igreja foi compelida pelo autêntico testemunho? credibilidade, força e autoridade estavam fundamentadas no amor. Ninguém quer seguir pessoas falsas e incoerentes. Não há nenhum poder na dissimulação. O Espírito Santo não pode habitar no coração de um mentiroso. A verdade sempre aparece. Você colhe o que semeia. Onde há autenticidade, as comunidades são atraentes, mesmo com o peso dos problemas; comunidades que são fiéis ao comando de Cristo, testemunham como resolver disputas.

No século XXI, apesar dos progressos extraordinários em muitos campos, a harmonia permanece ausente. Tolerância, respeito e amor para com os outros estão faltam. Nós vemos um mundo dividido por ambição e egoísmo irracional. Infelizmente, isto se reflete, algumas vezes, nas equipes de atendimento. Elas podem estar envolvidas na escuridão da rivalidade ou da suspeita. Eles não conseguem progredir no amor. Se perguntássemos agora se sabemos de quaisquer comunidades que estão estagnadas ou divididas, a resposta é, provavelmente, sim. Eles perderam a visão da sua missão. Comunidades que, longe de manifestar a grandeza de Cristo e da Sua Igreja, manifestam algo diferente. Seu testemunho é ineficaz. Não atraem, mas repelem e impedem repelir e impedem que pessoas participem em comunidades. Portanto, ouvimos aquele grito áspero de Gandhi, “Eu acredito em Jesus Cristo, mas não acredito em cristãos...”

As comunidades são estruturas humanas e, por essa razão, não são perfeitas. Boa ordem não surge espontaneamente. A equipe de serviço deve desempenhar um papel essencial no crescimento saudável de uma comunidade. Em particular, a equipe do ministério orienta a Comunidade a cumprir a missão que o Senhor confia a ela. Pessoas infelizes e complacentes não terão a coragem ou a determinação necessária de resolver conflitos. O objetivo é tornar-se uma civilização do amor. A palavra diz que nós somos o sal da terra, mas se perdermos nossa salinidade, seremos “mornos” e já não serviremos para nada mais. Que tragédia é ser inútil quando a vocação e a missão são tão grandes e sublimes.

Para resolver conflitos prontamente e não deixá-los crescer, precisamos agir prontamente com amor e responsabilidade. Por não saber como lidar com os conflitos no tempo, uma equipe de serviço pode separar-se. Isto custa caro pois, como consequência, a destruição torna-se óbvia. Má gestão de conflitos pode infetar e eventualmente matar uma comunidade.

Ao invés de serem vistos como fontes de divisão e destruição, os conflitos devem ser considerados oportunidades para receber a graça de Deus, para discernir Sua vontade e para aprender a humildade. Depois de superar as diferenças, nós estaremos ainda mais perto um do outro, venceremos, cresceremos em amor, seremos mais como uma família. Unidos em boa luta e sendo dóceis ao Espírito Santo, podemos ir além das nossas lutas humanas e sermos guiados para onde o Senhor quer nos conduzir. 🏠



## PERGUNTAS À COMISSÃO DOUTRINAL DO ICCRS

A Comissão Doutrinal do ICCRS, atualmente liderada pela doutora Mary Healy, consulta teólogos e especialistas de todo o mundo.

Se você tiver uma pergunta sobre a RCC, por favor envie para [newsletter@iccrs.org](mailto:newsletter@iccrs.org)

# Orações de descontaminação são necessárias?

O que é uma oração de descontaminação? É necessária depois de orar pela cura e libertação de alguém? Se você não fizer isso, você fica suscetível a tormentos como dores de cabeça ou problemas de sono?

Uma oração de descontaminação é tipicamente uma oração para libertar os ministros de oração da influência de algum espírito maligno que possa ter se apegado a uma pessoa durante o ministério.

A primeira coisa a lembrar é que tanto a oração como a fé são essenciais para o ministério; a oração de descontaminação não é.

Oramos antes e durante o ministério, colocando-nos em humildade diante do Senhor e pedindo-Lhe o que precisamos. Damos graças e louvamos Aquele que liberta e rezamos por uma maior unção, uma fé mais profunda, humildade, e para a liberação dos cativos.

Também mencionamos nossa fé, lembrando a verdade: Cristo está em nós (Col 1,27), você tem a autoridade dos filhos de Deus (Jo 1,12), você recebeu fé para apagar todos os dardos inflamados inimigo (Ef 6,16), se Ele enviar você, nada vai prejudicar você (Lc 10,19), e o Senhor vai fortalecer e proteger você de todo o mal (2 Tess 3,3)

A oração expressa a fé, aprofunda a fé e libera o poder da fé. A oração pode superar o medo, que se opõe à fé. Devemos nos perguntar: a pessoa que fica a noite toda em oração, ansiosa, está realmente rezando... ou está simplesmente se preocupando com os seus olhos fechados?

Um bom lugar para começar

Depois de uma sessão de oração, é bom para seguir o que Jesus ensina em *Lucas 10,17-20*:

“Voltaram alegres os setenta e dois, dizendo: Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome! Jesus disse-lhes: Vi Satanás cair do céu como um raio. Eis que vos dei poder para pisar serpentes, escorpiões e todo o poder do inimigo. Contudo, não vos alegréis porque os espíritos vos estão sujeitos, mas alegrai-vos de que os vossos nomes estejam escritos nos céus”.

Nossa primeira resposta deve ser retornar a Jesus com alegria e compartilhar de sua alegria. À medida em que nos humilhamos em louvor e gratidão pelo privilégio de participar de seu ministério, lembramos que nosso sucesso acontece apenas por Sua graça. Ele prometeu, “Nada vai prejudicar você”. Não devemos dar ao diabo muita atenção ou nos preocuparmos com as obras do inimigo. Tampouco devemos ficar impressionados com a manifestação do mal na vida de uma pessoa. Isto pode dar ao inimigo uma vantagem. Pelo contrário, devemos manter nossos olhos em Jesus e em Sua obra de redenção.

Talvez fiquemos mais vulneráveis ao inimigo se a pessoa para a qual rezamos não sentiu alívio, ou se o mal se manifestou e de alguma forma penetrou em nossos pensamentos através de uma palavra, emoção ou imagens. Também podemos ficar vulneráveis

se a oração evocou uma memória dolorosa que não foi purificada. Um espírito maligno precisa encontrar em nós um apoio para apegar-se a nós.

Se isso ocorrer, resista ao medo, à dúvida e à incredulidade e veja isso como sua oportunidade de crescimento. Reze com outras pessoas e coloque-se na presença do Senhor. Renuncie às mentiras, dúvida e incredulidade. Você pode fazer sua oração predileta de descontaminação para ajudar a restaurar sua alegria.

Resista à tentação de criar expectativa de algum tipo de retaliação do inimigo. Ao escalar montanhas, há uma certa elevação acima da qual as cobras não vão. Devemos todos esperar crescer ao nível de fé em que o inimigo não mais nos atacará da mesma forma como quando iniciamos nosso ministério.

### Avalie a oração

Quando fazemos uma oração de descontaminação que outros ministérios criaram, devemos, ocasionalmente, avaliá-la para ver se ela reflete a fé que nos foi dada e se ela se encaixa no ministério no qual participamos. Uma oração de descontaminação que expressa sua fé e aproxima você de Deus pode ser de grande ajuda. Por outro lado, você não deve fazer oração de descontaminação simplesmente por legalismo ou superstição, pensando que algo ruim acontecerá se você não fizer a oração certa.

### Batalha Espiritual

Batalha espiritual é uma parte normal da vida cristã. Faz parte de viver no reino aqui da terra. Ataques espirituais incluem tudo, desde a tentação e provações diárias por vivermos em um mundo decaído até um período de ataque mais intenso em sua identidade e bem-estar. Nestes tempos, lembre-se de que Deus é sempre bom.

No entanto, nem todas as provações vem do inimigo. Lutamos contra nossa natureza decaída e contra as pressões naturais do mundo. Às vezes, o que parece pode parecer um ataque do inimigo é realmente Deus nos testando (ver Dt 8,2). O Senhor nos libertou e Ele quer expor qualquer retorno sutil à idolatria de confiar em nossa própria força.

Jesus é, obviamente, nosso verdadeiro modelo. Ele foi tentado e certamente enfrentou provações, mas Ele nunca culpou o demônio por suas provações ou focou-se no inimigo. Ele concentrava-se unicamente na vontade do Pai e, ou ignorava o inimigo (permaneceu dormindo no barco) ou resistia à tentação do inimigo (citando as Escrituras), ou, ainda, repreendia o inimigo (no deserto e em Pedro) ao mesmo tempo que se submetia à vontade do Pai. Diariamente, Ele derramava seu coração ao Pai, e, à medida em que Ele proclamava o Reino, Ele seguia em frente através da expulsão dos demônios. Em sua paixão, Jesus obedientemente tomou sobre si os pecados do mundo e experimentou o peso completo do mal que entrou em nós através do pecado. Ele confiava no Pai em tudo. Nossas atitudes devem ser as mesmas que as de Jesus. 